

PINACOTECA

PERGAMINHOS DO MAR MORTO

Após receber mais de 150 mil visitantes nos dois meses em que esteve no Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro, a exposição *Pergaminhos do Mar Morto: um legado para a humanidade* está na Pinacoteca do Estado, na capital paulista, onde fica até 27 de fevereiro. Nela, são apresentados fragmentos originais de textos bíblicos escritos há cerca de dois mil anos, além de 77 artefatos arqueológicos, como jarros, copos e moedas antigas. Esse material foi encontrado casualmente por beduínos, em 1947, nas cavernas de Qumram, próximas ao Mar Morto, e a mostra trazida para São Paulo é resultado da parceria entre a Calina Projetos Culturais e o Instituto de Antiguidades de Israel. Além de mostrar as escrituras mais antigas já descobertas do Velho Testamento, a exposição apresenta, ainda, filmes,



Vasos achados nas cavernas de Qumram

mapas e painéis sobre a época e o local em que os pergaminhos foram escritos.

ESPAÇO LÚDICO A Pinacoteca também preparou atividades para escolas que queiram levar seus estudantes à exposição e um programa que inclui seminários, palestras e debates com especialistas do Brasil e do exterior. A exposição apresenta, ainda, edições novas e antigas do Velho Testamento, para que o visitante possa compará-las aos textos dos Pergaminhos, contemporâneos de Cristo.

Rodrigo Cunha

SERVIÇO Pinacoteca: Largo General Osório, 66, Centro. Visitas: de terça a domingo, das 10h às 18h. Preço: R\$ 4 (aos sábados, a entrada é gratuita)

LITERATURA

BICENTENÁRIO DE ANDERSEN

Se muita gente não identifica de imediato o nome de Hans Christian Andersen, certamente lembra, até com certa nostalgia, do tempo em que seus sonhos eram embalados por histórias infantis como *O patinho feio*, *O soldadinho de chumbo* ou *A pequena vendadora de fósforos*. Essas e tantas outras que povoam o imaginário infantil por várias gerações foram escritas por Andersen, escritor e poeta dinamarquês nascido em 1805. O bicentenário do escritor vai ser comemorado em vários países, com atividades organizadas pelo governo da Dinamarca. Os contos infantis têm gerado estudos acadêmicos em diferentes áreas, devido

ao seu valor literário, potencial educativo e importância na formação do imaginário infantil. Existe uma vasta literatura explicando e destacando a importância das fábulas, e uma das principais reflexões de referência sobre o tema foi escrita por Bruno Bethelheim, em *A psicanálise dos contos de fadas*.

Contos infantis, como os de Perrault, dos Irmãos Grimm e, entre os “mais modernos”, os de Andersen foram compostos e eram contados antes que a literatura infantil fosse assunto de escola. Eles se inscrevem em práticas de narração e de leitura comunitárias e familiares. Marisa Lajolo, docente em teoria literária do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp, considera que as histórias de Andersen são mais modernas porque a fantasia nelas é mais solta, mais articulada com a vida interior dos personagens. “Até hoje, qualquer um, de qualquer idade, pode ler – com encanto e arrebatamento – os contos de Andersen, o que me parece mais difícil de acontecer com as histórias de Perrault e dos Grimm”, diz Marisa.

Para a pesquisadora da Unesp, Ana Maria Costa Santos Menin, “os contos infantis integram o mundo narrado, onde se criam as fantasias que irão alimentar o imaginário da criança. Cumprem o papel, ainda, de incentivar o gosto pela leitura e para a arte. Esse é o sentido pedagógico da leitura escolar dos contos infantis”, considera.

A pesquisadora foi premiada na 9ª edição dos Prêmios Hans Christian Andersen em abril de 2004, na cidade de Odense, por sua dissertação *O patinho feio, de H. C. Andersen: o “abrasileiramento” de um conto para crianças*, e por trabalhar com a obra em suas aulas. “*O patinho feio* não é a história de um pato que se transformou em cisne; na ver-

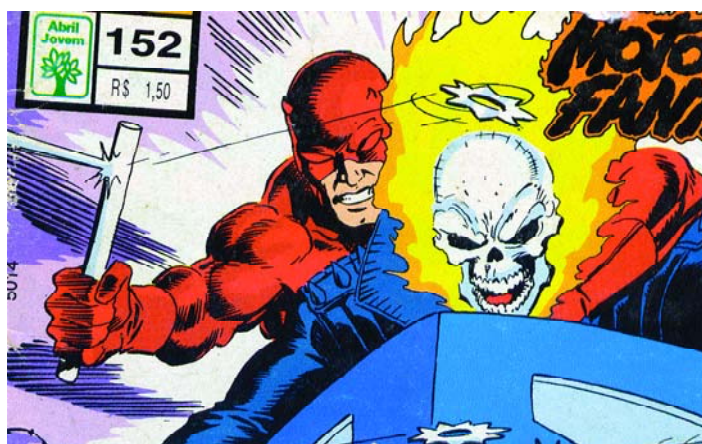
dade, é a descoberta de que ele sempre foi um cisne. A temática implícita no texto nos remete para a discussão da identidade”, analisa Ana Maria Menin.

EXTENSA OBRA Andersen escreveu 156 contos, além de canções, peças para teatro, poemas e livros de viagem ilustrados por ele. Sua obra chegou a todos os cantos de mundo e sua temática é considerada universal. Para organizar os eventos para o bicentenário de Andersen o governo dinamarquês criou a *Fundação H.C. Andersen 2005* que elegeu “embaixadores” no mundo todo para ajudar nas homenagens e divulgação dos eventos. “Andersen foi no século XIX e continua sendo hoje o maior escritor de literatura infantil. Sua obra é permeada pelo estilo de um autor crítico, humorístico, mas, ao mesmo tempo, preocupado com questões sobre a essência do ser humano”, diz Ana Maria. Em três projetos em andamento está a inauguração do espaço museológico *Hans Christian Andersen’s Wonderful World* na Dinamarca. Diversas publicações sobre a vida e obra do autor estão sendo selecionadas.

O comitê de *Embaixadores de Hans Christian Andersen 2005* é formado por personalidades conhecidas. No Brasil, o escolhido foi o ministro da Cultura, Gilberto Gil. Outras personalidades reconhecidas na América Latina – como a escritora chilena Isabel Allende – também receberam o título.

“Como Lobato, Hans Christian Andersen foi um crítico social e um gênio literário de inquestionável valor artístico”, enfatizou Ana Maria. Mais informações sobre as comemorações do bicentenário de Andersen podem ser obtidas no site www.hca2005.com.

Márcia Tait



O papel dos personagens das histórias em quadrinhos na construção da identidade

MUSEUS CIENTÍFICOS

HERÓIS E MONSTROS, HÍBRIDOS QUE PERTURBAM

Volverine, Vampira, Homem-aranha, Mulher-gato. Os heróis e os monstros exercem sobre nós um misto de fascínio e perplexidade. Inquietam-nos por suas monstruosidades, mas, sobretudo, o que nos incomoda é sua humanidade. “Por meio desses personagens passamos a refletir sobre nossas próprias características e sobre identidades, sempre fazendo uma relação com a origem desses heróis, que na maioria das vezes está ligada a processos científicos e incluem tecnologia”, explica Antonio Carlos Amorim, professor da Faculdade de Educação da Unicamp. Apostando na ideia, Amorim e uma equipe de professoras da rede municipal, pesquisadores e artistas montaram, em dezembro último, a exposição *Monstros e heróis, na trilha das identidades* no Museu Dinâmico de Ciências de Campinas.

Na entrada da exposição, foram colocados dois painéis gigantes com vários monstros e heróis. Numa das salas, para criar o ambiente dos quadrinhos, todas

as paredes foram pintadas de amarelo vivo e repletas de cenários: cidades, laboratórios e cavernas em preto e tons de cinza. Suspensas a partir do teto, 12 enormes imagens de super-heróis e vilões. Crianças de 6 a 12 anos e seus acompanhantes podiam brincar com suas sombras se mesclando à dos personagens, em um corredor com efeitos de jogos de luz. Num espaço redondo dentro do museu, grandes bonecos de madeira, com feições de homens e mulheres, e caixas forradas de quadrinhos cheias de roupas e acessórios coloridos convidavam as crianças a fabricar seus próprios heróis e vilões. Simulando um laboratório, os pequenos visitantes podiam montar e desmontar personagens de cor, sexo e poderes diferentes. O artista plástico Flávio Cossa conta que essa ideia foi inspirada na série *Amalgama*, que reunia numa mesma história heróis e vilões de editoras diferentes.

Susana Dias